

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

QUEM FOI O PADRE GASPAR RORIZ?.

SAAVEDRA, Rosa Maria

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

Como citar este documento:

SAAVEDRA, Rosa Maria, Quem foi o Padre Gaspar Roriz?. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 109-122.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

QUEM FOI O PADRE GASPAR RORIZ?

Rosa Maria Saavedra¹

*Conferência proferida na Sociedade Martins Sarmento,
em 28 de novembro de 2015,*

É muito frequente, nos nossos dias, quando se faz referência ao nome deste sacerdote, as pessoas perguntarem: mas quem foi o Padre Gaspar Roriz?

Apesar de ter sido, no seu tempo, uma figura muito popular e querida, hoje, para muitos vimaranenses, o Padre Gaspar Roriz não passa de uma lenda, de um desconhecido, de alguém que se foi apagando da memória colectiva de Guimarães. Recordar a sua vida e obra, nesta Casa, que lhe era tão querida, é prestar-lhe a justa e merecida homenagem pela forma como amou e serviu a sua cidade.

Nasceu Gaspar da Costa Roriz em Guimarães, há 150 anos, no dia 30 de Agosto de 1865, na rua D. João I. Filho primogénito de José da Costa Roriz, barbeiro, e de Teresa Maria de Jesus, tendeira, teve 6 irmãos, cinco rapazes e uma rapariga, mas apenas dois chegaram à idade adulta: Manuel e Maria Oliveira. Os registos de nascimento dos seus irmãos provam que os seus pais, entre 1868 e 1879, mudaram várias vezes de residência, passando da rua D. João I para a da Sapateira, Fonte Nova, S.to António, nascendo a sua irmã mais nova, Maria Oliveira, na rua das Lamelas, provavelmente a última morada da família Roriz.

Filho e neto de barbeiros, o destino de Gaspar da Costa Roriz seria o de ser barbeiro também. Mas, depois de ter feito a instrução primária e ter dado provas de gostar de aprender, foi frequentar, gratuitamente, os estudos secundários no Instituto Escolar da Sociedade Martins Sarmento. Esteve matriculado nas disciplinas de Francês, Geometria e Desenho e enquanto viveu em Guimarães conciliou sempre as aulas com

¹ Sociedade Martins Sarmento - rosa.saavedra@msarmento.org

o trabalho na barbearia do pai. A frequência dos estudos secundários abriu-lhe novos horizontes que, para um jovem proveniente de uma família humilde, só se conseguiam satisfazer e ampliar frequentando o Seminário. Com 18 anos rumou a Braga para cursar Teologia e seguir a vida religiosa. Foi ordenado padre em 1890.

Quem o conheceu e com ele privou retrata-o como um homem de baixa estatura, cara redonda, testa ampla, olhos muito vivos, com forte timbre de voz, extrovertido, bom conversador, prestável, um homem inteligente com muitos e variados talentos, que regou a sua vida pelo lema de: Amar a Deus, a Pátria, a Terra e a Família.

Amar e servir a Deus foi a sua prioridade. Depois de ter sido ordenado sacerdote regressa a Guimarães e, em 7 de Agosto de 1891, é nomeado Padre Comissário Visitador da V.O.T. de S. Francisco, um importante e honroso cargo que implicava ser comissionado, ou seja, delegado por um Superior da primeira Ordem e confirmado pelo Geral dos Franciscanos em Portugal. Era um clérigo livre das obrigações da sua religião para melhor poder satisfazer as de Comissário Visitador, uma espécie de zelador espiritual da Ordem Terceira, dos seus Irmãos e das valências que aí funcionavam: o hospital, o asilo dos entrevados e a creche.

Exigia este cargo, que era remunerado, que o Comissário residisse na Casa da Ordem, situada na Travessa das Franciscanas, mas exigia também que o custo do alojamento lhe fosse descontado. O Padre Gaspar Roriz exerceu-o até ao final da sua vida, passando a ser conhecido e chamado, frequentemente, Padre Comissário.

Mas foi como Pregador que a sua acção sacerdotal e doutrinária o tornou famoso. Orador de púlpito, detentor de uma potente e sonora voz, de uma grande expressividade, deleitava, convencencia e comovia quem o ouvia. Dizia-se, na terra, que: "Festa de Deus sem a palavra sonora do Padre Roriz não tinha sabor".

Subiu aos púlpitos de maior responsabilidade, ultrapassou as fronteiras concelhias e teve a escutá-lo e a admirá-lo auditórios dos mais escolhidos e exigentes. Fez também várias conferências quaresmais e discursos, no entanto, destas manifestações do seu talento poucos documentos nos chegaram, porque raramente os escrevia antecipadamente.



Padre Gaspar Roriz (1865-1932)

Além da sua ligação à Ordem Terceira de S. Francisco, o Padre Roriz mantinha ligações a outras igrejas através das suas Irmandades: foi Irmão de S. Nicolau e Mestre de Cerimónias, Vigário de culto e Secretário da Irmandade de S. Pedro.

Sentia o Padre Gaspar Roriz um profundo amor a Guimarães, numa entusiástica energia de lhe ser prestável e útil que A. L. de Carvalho traduziu desta forma: “A sua terra era – a sua Dama – Pròdigamente se entregava a quantos lhe batiam à porta anunciando-lhe a senha: Por Guimarães. Cavaleiro andante deste «amor» chegou a ganhar as «esporas de ouro» da popularidade” (CARVALHO, 1936).

Este amor a Guimarães, esta vontade de a servir era, à época, partilhada por uma geração de homens notáveis que impulsionaram o seu progresso e desenvolvimento na área da cultura, do urbanismo, da indústria, dos transportes e comunicações. Francisco Martins Sarmiento, José e Alberto Sampaio, Abade de Tagilde, Conde de Margaride, Avelino da Silva Guimarães, José Joaquim de Meira foram alguns, entre muitos outros.

Conheceu-os o Padre Gaspar Roriz no local onde todos se conheciam, se cruzavam, se cumprimentavam - o Toural - com os seus cafés, botequins, farmácias, lojas de comércio e até com as suas esquinas, pontos de encontro e de convívio, onde a política da terra e do país era discutida, os projectos concebidos e programados, e as vontades se uniam em prol da cidade.

Os cafés do Toural e das ruas que lhe davam acesso tinham a sua clientela habitual, que os frequentava consoante as suas afinidades políticas, sociais ou culturais. O Padre Roriz frequentava a botica do Rodrigo Dias, na rua da Rainha, onde aparecia o Abel Cardozo, mas também frequentava a Casa Havaneza, onde se reunia a aristocracia da terra, o Café do Fernandes, depois crismado Café da Porta da Vila, a Loja dos Caixeiros, o Jácome relojoeiro e a Casa High-Life, cujo proprietário era seu cunhado, casado com a sua irmã Maria Oliveira.

Bom conversador, divertido, crítico e bem informado, era o carismático Padre Gaspar Roriz disputado pelas diferentes tertúlias do Toural.

E foi nesta convivência transversal, nesta sociedade vimaranense, de terra pequena, de bairrismo construtivo, que se foi formando e desenvolvendo a mentalidade e actividade intelectual do Padre Gaspar

Roriz, cimentando-se, cada vez mais, a sua vontade de servir a cidade, a sua história, as suas tradições.

Entusiasta das festas da cidade, foi chamado, em 1895, a contribuir, com o seu talento e criatividade, para o ressurgimento das Nicolinas, festas que estavam a passar por uma fase de apatia por parte dos jovens estudantes. Em parceria com o poeta e arqueólogo Albano Belino foi, nesse ano, um dos autores dos textos das Danças. O jornal *Vimaranense* refere-se-lhes assim: “fugindo a velharias como as que nos anos transactos se nos exibiram, foram felicíssimos na escolha do assunto e ensaiaram primorosamente a rapaziada.”

A veia poética do Padre Gaspar Roriz e o seu talento para o teatro tornaram-no, além de autor dos textos das Danças, também ensaiador dos estudantes aposentados - Velhos Nicolinos - que passaram a ser os “actores” desse tão apreciado espectáculo. Autor da “Dança Chinesa” e de outras Danças, facilmente adaptava os seus versos satíricos e críticos às músicas que estavam, à época, na moda, criando espectáculos muito divertidos que, além de serem apresentados em espaços públicos, também o eram em algumas casas particulares de ilustres senhores da terra como: casa do Conde de Margaride, do Barão de Pombeiro, de Francisco Martins Sarmiento, que, no final da actuação, presenteavam os estudantes com mesas muito bem guarnecidas de vinhos e doces. Só à noite é que as Danças eram apresentadas no Teatro D. Afonso Henriques.

Vinte e cinco anos depois deste ressurgimento, decidiram os Velhos Nicolinos assinalar e celebrar as bodas de prata e, em 1920, publicaram o jornal *Os Velhos*, que tem na capa um desenho de José de Pina com Jerónimo Sampaio a recitar o Pregão.

Na noite de 8 de Dezembro desse ano, foi apresentado no Teatro D. Afonso Henriques o “Auto da Saudade”, também da autoria do Padre Roriz, que a esse respeito escreveu o seguinte: “O Auto da Saudade é um retalho da minha alma que sempre amou o que há de belo e grande na minha querida Guimarães. É uma homenagem a Braulio Caldas e uma prova da sincera estima aos velhos Nicolinos de 1895 que fizeram ressurgir as tradicionais festas dos estudantes de Guimarães” (RORIZ, 1924).

Mas o contributo que o Padre Gaspar Roriz deu às Nicolinas não se limitou às Danças. Foi autor do “Pregão Escolástico” de 1906, do “Bando Escolástico” de 1924 e são-lhe atribuídos, apesar de não estarem assinados, os “Bandos Escolásticos” de 1925 e 1926.

Se as Festas Nicolinas animavam a cidade nos meses de Inverno com a alegria e participação de velhos e novos estudantes, as Gualterianas atraíam a Guimarães, nos meses de verão, muitos forasteiros, muitas famílias, e vimaranenses de todo o concelho. Eram umas festas para todos. Mas as Gualterianas também estavam, no início do séc. XX, a passar por um marasmo que muito preocupava João Fernandes de Melo, então presidente da Associação Comercial e Industrial de Guimarães.

João Fernandes de Melo sonhava, segundo as palavras do Padre Gaspar Roriz, “em realizar umas festas que tirassem Guimarães da sua apatia habitual”, umas festas com luz, música, ornamentações e novidades que trouxessem gente que animasse as ruas e o comércio local.

Recorreu, por isso, a Comissão de Festas Gualterianas ao Padre Roriz em busca de uma ideia original, de um conselho, e o criativo sacerdote sugeriu-lhes a introdução nas festas de uma marcha luminosa, semelhante à que se fazia em Milão.

A ideia foi bem acolhida e nasceu assim, no ano de 1907, a primeira Marcha Milaneza, depois chamada Marcha Gualteriana. Foi tocado, pela primeira vez, o Hino de Guimarães, com música da autoria de Vasco Leão e com a poesia escrita, expressamente para a ocasião, pelo Padre Gaspar Roriz.

A realização da primeira Marcha Milaneza contou com o empenho de João Fernandes de Melo, a criatividade do Padre Gaspar Roriz e o talento artístico de José de Pina e Abel Cardozo, mas a sua concretização só foi possível graças aos caixeiros de Guimarães, seus obreiros e organizadores que, a partir desse ano, criaram a oficina da “marcha” uma escola de arte popular que perdura até aos nossos dias.

Nesse ano, no dia 26 de Junho de 1907, à noite, no Teatro D. Afonso Henriques, foi recitada uma poesia da autoria do Padre Gaspar Roriz intitulada “Sessão Gualteriana”, um elogio a João Fernandes de Melo e à concretização do seu sonho.

Detentor de muitos e variados talentos, o Padre Roriz foi, sem dúvida, um homem das letras. A escrita estava-lhe na massa do sangue e a sua actividade literária e jornalística foi intensa. O Padre Roriz foi poeta, dramaturgo, cronista, jornalista.

A poesia era talvez a expressão literária que mais o seduzia e a mais produzida. Simplício que, em 1909, fez o seu Perfil em verso escreveu: “repentista feliz em rima e agudeza/ Verseja como fala - um caudal de luz! Espírito arguto, inventa, faz, produz.”

Escreveu o Padre Gaspar Roriz o mais conhecido poema da nossa cidade - o Hino de Guimarães - mas escreveu muitos versos, muitas rimas ligeiras e um sem número de gazetilhas. Escreveu para as festas Nicolinas, para as Gualterianas, para os caixeiros, para a família, para os amigos e para todos os que lhe pedissem. Era um poeta e versejador por natureza, no entanto, como diz o seu amigo Padre Francisco da Silva: “Não deixou nenhum volume de versos, porque, pródigo dos seus talentos, os dispersou por toda a parte com o gesto de indiferença com que os ricos dissipadores arremessam às mãos cheias os seus bens de fortuna” (SILVA, 1932).



Comissão organizadora da primeira “Marcha Milaneza”. 1907.

“Um sonho Oriental”, “Sessão Gualteriana”, “Auto da Saudade” foram poesias que felizmente nos chegaram e que foram publicadas. Foram recitadas em teatros ou saraus em ocasiões especiais. “Um Sonho oriental” foi recitada por Jerónimo da Costa Sampaio em 12 de Janeiro de 1908, no sarau realizado na SMS e promovido pela Comissão de Melhoramentos da Penha. O já referido “Auto da Saudade”, nas bodas de prata do ressurgimento das Nicolinas e uma “Sessão Gualteriana” no Teatro D. Afonso Henriques, em homenagem a João de Melo.

A sua produção como dramaturgo começou por volta dos seus 40 anos. Escreveu peças teatrais com diálogos vivos e com graça, mas sempre com um ensinamento, uma moral. Os “Dois Marçanos” comédia-drama em três actos, “O Herói Minhoto”, em dois actos que tem na última cena o episódio referente à 1.ª Guerra Mundial – a batalha de La Lys – apresentado no dia 10 de Abril de 1922, no Teatro D. Afonso Henriques, pelos sargentos de infantaria 20, em benefício dos órfãos de guerra. Estas peças foram levadas à cena por actores amadores, “O Grupo Dramático do Padre Gaspar Roriz”, e apresentadas no Teatro D. Afonso Henriques.

O Padre Gaspar Roriz era, frequentemente, convidado a proferir conferências em cerimónias especiais, em comemorações, em celebrações. Em 1915, por ocasião das bodas de prata do seu curso de Teologia, proferiu no Seminário de Braga a “Oração Fúnebre”. Em 1915, terá discursado na inauguração da nova igreja das Taipas e, em 1922, também esteve presente nas Taipas no dia em que foi celebrado o primeiro descanso dominical.

Sócio da SMS desde 1891 e membro da Direcção durante a presidência do Dr. Avelino da Silva Guimarães, exerceu o cargo de director do Serviço Escolar e publicou na Revista de Guimarães, em 1902, uma breve biografia, de homenagem a este seu amigo e mestre intitulado “Avelino da Silva Guimarães”.

A par de toda esta actividade literária foi também o Padre Gaspar Roriz, entre 1905-1906, professor agregado do Liceu de Guimarães. Leccionou as disciplinas de Português e Matemática. Deu aulas de português ao Coronel Mário Cardozo e de Matemática a Mário Meneses. Fez parte dos júris de avaliação e a sua assinatura aparece em várias actas

como professor secretário e elemento de júri de avaliação, juntamente com o Prof. José de Pina e o cónego José Maria Gomes.

Como jornalista, colaborou na imprensa local da época: *Independente*, *Comércio de Guimarães*, *Aurora da Penha*, *Gualteriano*, *Echo de Guimarães* e *Regenerador*. Nestes dois últimos, teve uma maior participação, pois foi redactor do *Echo de Guimarães* e redactor e proprietário do *Regenerador*.

O *Echo de Guimarães* era um jornal que se assumia como religioso e social. Seguia os ensinamentos da igreja católica e procurava contribuir para o bem público da cidade, trabalhando pelo seu progresso moral e material. A crónica semanal intitulada “Educação religiosa na família” é-lhe atribuída, assinando-a com o pseudónimo de Homiliardo Guimarães.

O jornal *Regenerador* foi a sua grande tribuna. Aí revelou todo o seu amor à terra e à Pátria, assumindo-se publicamente como monárquico, defendendo os seus ideais políticos e sociais e pugnando sempre pelos melhoramentos e progresso de Guimarães.

O primeiro número saiu em Novembro de 1908 e a primeira página é dedicada ao rei D. Manuel II, com o retrato do monarca e com o título de “Viva El-Rei!”. Contém uns versos da sua autoria, que foram



Bodas de prata do Curso do 3.º ano de Teologia do Seminário de Braga do ano 1889-1890. Santuário do Sameiro, 1915.

distribuídos pelo povo para serem cantados por ocasião da visita real a Guimarães nesse mesmo mês.

No *Regenerador*, o Padre Gaspar Roriz utiliza vários pseudónimos: nas gazetilhas e versos jocosos, manda recados à Câmara e assina Tlim ou Tlão (o irmão do Tlim); nas “Crónicas Vimaraneses”, Romeiro e, na rubrica “Cinematographo”, assina Pathé.

A última página era sempre dedicada à publicidade e em todos os números esteve presente o anúncio ao Atelier de Moda da sua irmã Maria da Oliveira, na Rua dos Terceiros, que virá a casar com o senhor António Joaquim Gonçalves, dono da Casa High-Life, acabando por se unirem os dois estabelecimentos num só.

O *Regenerador* durou dois anos (1908-1910), deixando de ser publicado com o fim da monarquia. Foram publicados 104 jornais, o último dedicado ao senhor José Pinheiro, administrador do periódico, com o título “rei dos Amigos”. Nesse número, o Padre Roriz aproveitava para pedir aos assinantes para pagarem a assinatura em dívida e escreve, com humor, que como o jornal encerra novo, os sinos não irão dobrar a finados. A última página é dedicada à sua terra, com os versos intitulados “Guimarães”, da autoria de Francisco Martins Sarmiento.

A.L. de Carvalho, sobre a produção literária do Padre Gaspar Roriz, escreveu o seguinte: “Se ele tivesse querido, deixaria de si uma obra”.

Mas o Padre Roriz não quis, nem estava preocupado em deixar obra. Deixou muitos dispersos que, felizmente, foram compilados, em 1953, pelo Dr. Eduardo de Almeida e que deram origem ao “Livro do Padre Gaspar Roriz”. Foi aí que encontramos este seu modesto e sincero testemunho: “Tive sempre uma certa repugnância em mandar imprimir as minhas pobres produções literárias. A não ser no jornalismo, onde deixei uns artigos sem valor, uns versos sem merecimento e umas crónicas que somente marcaram por haverem revelado o muito amor que sempre consagrei à minha Terra, poucas coisas publiquei, porque entendi sempre que o lugar que mais convinha ao que saía da minha pênna era o cêsto dos papéis inúteis” (RORIZ, 1924).

Lembrando ainda o seu lema de vida, “Amar a Deus, a Terra e a Família”, a dedicação e amor que votou aos seus pais e irmãos chegou-nos através da sua poesia. O poema “Mãe” celebra os 80 anos da sua mãe,

“Dores e Lágrimas” é dedicado aos seus pais e “1914” assinala as bodas de ouro dos seus progenitores.

Para o seu irmão Manuel escreveu uma rima por ocasião da sua morte, com 25 anos, a 4 de Dezembro de 1899, e, em 1909, no jornal *Regenerador*, lembrou-o em o “Retrato de Manoel Roriz”, em que escreve: “Já lá vão 10 anos Irmão estremecido”. Assina Romeiro. À sua irmã Maria Oliveira dedicou muitos e variados versos, inclusivamente uma carta rimada quando, em 1900, ela e o pai foram ao Porto assistir à inauguração da estátua do Infante D. Henrique.

Vai ser Maria Oliveira que o vai acompanhar nos últimos meses de vida, vítima de uma doença prolongada, de “uma torturante agonia”, como então era noticiado nos jornais locais, que semanalmente informavam os leitores do estado de saúde do sacerdote. E foi na residência da sua irmã, na Praça D. Afonso Henriques, que o Padre Roriz morreu às 17 horas e trinta minutos, do dia 7 de Março de 1932.

Segundo a certidão de óbito, a causa da morte foi uma miocardia crónica e nefrite, referindo também a mesma certidão que não tinha deixado descendentes, nem bens, nem feito testamento.

A notícia da morte do Padre Roriz encheu de mágoa e tristeza os vimaranenses que o tinham como um filho da terra. A Ordem Terceira de S. Francisco logo que teve conhecimento da morte do seu Comissário Visitador reuniu e delineou um programa para as cerimónias fúnebres. A bandeira foi colocada a meia haste e as escolas encerraram durante oito dias. Na fachada do edifício foram colocados, nas varandas, crepes pretos a assinalar o luto.

O cadáver trajado com as vestes sacerdotais ficou depositado em câmara ardente na sua última residência e foi velado pela família, sacerdotes, amigos, empregados de comércio e estudantes.

A cerimónia religiosa realizou-se na igreja de S. Francisco, que estava artisticamente decorada pelo armador Augusto Passos. A urna estava coberta com a bandeira da cidade e foram celebradas várias missas de corpo presente.

Seguiu-se um imponente cortejo no Tournal e o corpo foi acompanhado por tudo quanto em Guimarães representava riqueza, trabalho e pensamento. Foi sepultado no cemitério da Atouguia, no

jazigo do senhor Eugénio Vaz Vieira, onde ficou provisoriamente, pois a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães lançou uma subscrição para uma campa privativa para o Padre Roriz.

No cemitério, foram oradores o Dr. Rocha dos Santos, presidente da Câmara de Guimarães, e o senhor Jerónimo Sampaio.

Por ocasião do funeral, o comércio fechou as suas portas, a indústria as suas fábricas. O Museu Alberto Sampaio encerrou ao público. Quase todas as janelas estavam fechadas e viam-se as senhoras por detrás das vidraças.

O *Notícias de Guimarães* de Março de 1932 abriu a primeira página com o título “Os funerais do saudoso Padre Gaspar Roriz constituíram uma verdadeira demonstração de pesar”. O *Comércio do Porto*, O *Primeiro de Janeiro*, o *Jornal de Notícias* e o *Correio do Minho* publicaram o retrato do Padre Roriz acompanhado de sentidas palavras pela sua morte.

Em 1936, quatro anos após o seu falecimento, foi promovida pelo “Grupo Dramático Padre Gaspar Roriz” uma grandiosa homenagem póstuma, numa prova de saudade e de gratidão pela forma como serviu e amou a sua cidade.

E foi num domingo, dia 12 de Julho de 1936, que a grande homenagem se realizou. Começou com uma Missa em S. Francisco, seguida do descerramento da lápide ao Padre Roriz pela sua irmã Maria Oliveira, na Travessa das Franciscanas, e de uma romagem ao cemitério, na qual tomaram parte as autoridades locais, organismos civis e religiosos, escolas, colégios e três bandas de música.

No cemitério, discursou o senhor Jerónimo Sampaio, amigo do Padre Roriz. À tarde, no salão nobre da SMS, cujo fundo estava decorado com “trinta estandartes que formavam uma interessante cortina ondeante, policroma e luzidia”, estava em destaque a bandeira da Cidade.

Falou o Dr. Eduardo de Almeida, seguiu-se o reverendo Dr. Cândido Abílio de Almeida Gomes, capelão de Infantaria 18. Houve recitação de poemas do homenageado: “O sonho Oriental”, por Jerónimo de Almeida, e “Minha Mãe”, por D. Maria Rosa Nobre. À noite, na Escola Industrial e Comercial, foi representada a peça o “O Herói Minhoto”. Nessa sessão, colaborou o Orfeão de Guimarães que cantou o Hino de Guimarães.

O *Berço da Grei* noticiou dias depois que: “Guimarães viveu, domingo pretérito, em homenagem à figura nobilíssima do Padre Gaspar Roriz, horas de intensa saudade, ternura e gratidão. Todos os vimaranenses, desde os mais humildes aos mais abastados, desde os analfabetos aos cultos, todos sem exceção, se associaram com religioso respeito às manifestações enaltecidas do Padre Roriz”.

Em 1965, foi assinalado o centenário do nascimento do Padre Gaspar Roriz. Esta homenagem foi promovida pelos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães. A cerimónia realizou-se, mais uma vez, no salão nobre da SMS. O Coronel Mário Cardozo, presidente da SMS, abriu a sessão e o Dr. Bento Caldas proferiu uma conferência intitulada “A figura e obra do Padre Gaspar Roriz”.

Foi também nesse ano lembrado por muitos vimaranenses que o tinham conhecido e que lhe dedicaram, no *Notícias de Guimarães* de Agosto de 1965, sentidas homenagens, através de testemunhos pessoais muito ricos em informações sobre a sua personalidade, vida e obra. Esses textos, do Coronel Mário Cardoso, Prof. Doutor Luís de Pina, Manuel Alves de Oliveira, Jerónimo de Almeida, Padre Carlos Simões de Almeida, Fernando Roriz e Pedro Vimaranes, fizeram a primeira página do jornal.

Figura da identidade vimaranense, o Padre Gaspar Roriz impôs-se pelos seus méritos, pelos seus muitos talentos, pela sua personalidade. Em contraste com a seriedade que a vida religiosa lhe impunha, havia nele uma alegria de viver, uma energia contagiante. Sociável, extrovertido, bom comunicador, dotado de grande sentido de humor, o Padre Gaspar Roriz foi um sacerdote muito popular, muito estimado e muito querido dos seus conterrâneos, que o tinham como um amigo.

Marcou o seu tempo como comissário visitador, pregador, professor, poeta, dramaturgo, cronista, jornalista mas, acima de tudo, como vimaranense apaixonado pela sua cidade, que dedicadamente serviu, pugnando pelo seu progresso, conforme o sentimento que o inspirou ao escrever estes dois primeiros versos da letra do Hino da Cidade:

Oh! Guimarães, teu progresso, a tua vida
É toda a nossa aspiração!

Bibliografia:

- Ainda o falecimento do Padre Gaspar Roriz. *Notícias de Guimarães*. A. 1, n.º 11 (20 mar. 1932).
- ALMEIDA, Eduardo de. Consagração justa. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 232 (12 jul. 1936).
- ALMEIDA, Jerónimo de. Um benemérito. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 232 (12 jul. 1936).
- Boletim. *Revista de Guimarães*. Vol. 42 (1932).
- CARVALHO, A. L. - Devemos aos mortos só a verdade!. *O Berço da Grei*. A.1, n.º 26 (11 jul. 1936).
- Comissão Iniciadora das Festas Gualterianas. *Notícias de Guimarães*. A. 1, n.º 30 (7 Ag. 1932).
- Os funerais do saudoso Padre Gaspar Roriz constituíram uma verdadeira demonstração de pesar. *Notícias de Guimarães*. A. 1, n.º 10 (14 mar. 1932).
- Homenagem póstuma a um vimaranense ilustre – o padre Gaspar Roriz. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 233 (19 jul. 1936).
- Homenagem póstuma ao Padre Roriz. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 228 (14 jun. 1936).
- O livro do P.e Gaspar Roriz: sermões, discursos, poesias* (1953). [S.l.: s.n.].
- MEIRELES, Maria José Marinho de Queirós (1994). *S. Nicolau: documentos e pregões. Guimarães*: Sociedade Martins Sarmento.
- No 1.º centenário do nascimento do P.e Gaspar Roriz. *Notícias de Guimarães*. A. 34, n.º 1757 (29 ag. 1965).
- Oliveira, Manuel Alves de – Recordando o Padre Gaspar. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 232 (12 jul. 1936).
- P.e Gaspar Roriz. *Notícias de Guimarães*. A. 1, n.º 16 (24 abr. 1932).
- Padre Gaspar Roriz. *Notícias de Guimarães*. A. 3, n.º 110 (11 mar. 1934).
- O padre Roriz na oratória. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 232 (12 jul. 1936).
- O padre Roriz na poesia. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 232 (12 jul. 1936).
- O padre Roriz no teatro. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 232 (12 jul. 1936).
- Resenha do teatro de padre Roriz. *Notícias de Guimarães*. A. 5, n.º 232 (12 jul. 1936).
- ROMEIRO – Chronicas vimaranenses: às damas de Guimarães. *Imparcial*. A.4, n.º 171 (27 jun. 1907).
- RORIZ, Gaspar (1924?). *Auto da saudade: episódio em verso*. [S.l.:s.n.].
- RORIZ, Gaspar (1924). *Bando escolástico*. Guimarães: [CFN].
- RORIZ, Gaspar (1902). Dr. Avelino da Silva Guimarães. *Revista de Guimarães*. Vol. 19.
- RORIZ, Gaspar (1906). *Festas nicolinias em Guimarães: pregão escolástico*. Guimarães: [CFN].
- RORIZ, Gaspar. *La Lys*. *Revista de Guimarães*. Vol. 32 (1922).
- RORIZ, Gaspar (1916). *Oração fúnebre nas exéquias celebradas na igreja de S. Pedro de Maximinos (Braga) por ocasião das bodas de prata do meu curso*. [S.l.: s.n.].
- RORIZ, Gaspar (1910). *Os dois marçanos: comédia-drama em 3 actos*. Guimarães: Typ. Minerva Vimaranense.
- RORIZ, Gaspar (1908?). *Um sonho oriental*. [S.l.: s.n.].
- SILVA, Francisco. Padre Gaspar Roriz. *Notícias de Guimarães*. A.1, n.º 10 (14 mar. 1932).
- Simplicio. Perfil. *O regenerador*. A. 1, n.º 31 (25 jun. 1909).